

# **Vizinhos da guerra**

**Um retrato íntimo do tráfico  
de drogas em Formosa, Goiás**

Fabiane Guimarães  
Diagramação: Julliana Lopes  
Capa: [www.sxc.hu](http://www.sxc.hu)



*Aos meus pais, que são  
minha eterna fonte de inspiração.*



*Alguns nomes e apelidos foram trocados  
para preservar a identidade das fontes.*



*A minha alma tá armada e apontada  
Para a cara do sossego  
Pois paz sem voz, paz sem voz  
Não é paz, é medo.  
Às vezes eu falo com a vida,  
Às vezes é ela quem diz:  
“Qual a paz que eu não quero conservar  
Pra tentar ser feliz ?”*

Minha alma, O Rappa





# sumário

Introdução, *11*

1 As mães, *15*

2 Um leão enjaulado, *25*

3 Vida breve, *31*

4 Educação abortada, *37*

5 O perdão de Deus, *43*

6 Uma guerra perdida, *49*

7 Uma terra de ninguém, *57*

8 Entre família, *65*

Conclusão, *71*



# introdução

Na balança do açougue, o menino pesava a cocaína. Vinha quase toda semana, carregando a tiracolo os embrulhos de pa-pel pardo, nem pedia autorização. A dona do estabelecimento, um mercadinho dos tempos de “secos e molhados”, não fazia caso. Era um pacto velado, uma cortesia em nome da paz. O traficante era um vizinho e os vizinhos são amigos, mesmo em tempos de guerra. “Com tanto dinheiro que faz com esse negócio, devia comprar uma balança”, o açougueiro ralhava, irritado. O menino ria e ia embora com o jeito gíngado de moleque, o pescoço magro de cavalo envolto em correntes de prata. Estaria morto em menos de três anos.

Ninguém sabe ao certo como o tráfico se espalhou por lá. Há dez anos ou mais, talvez. No começo, o bairro tinha um nome bucólico: era a Vila Vicentina. Um amontoado de casas espremidas em ruas estreitas de paralelepípedos irregulares em Formosa, cidade goiana com população de 96 mil habitantes, localizada a 80 km de Brasília. Com o tempo, o local foi se tornando sinônimo de negócios escusos. Na tentativa de lavar a violência, alguns anos mais tarde, rebatizaram a comunidade com um nome de santo –São Vicente. Para a maior parte dos moradores, nunca deixará de ser Vila. Para mim, nunca deixará de ser o lugar onde cresci.

Segundo a Polícia Civil do Estado de Goiás, Formosa é um dos maiores polos de aquisição de drogas que saem do Distrito Federal. A cidade que até os anos 70 era pacata, com atividade majoritariamente agropecuária, hoje vive a insegurança que rege a região metropolitana do Entorno de Brasília. Os entorpecentes são originários do Paraguai e Bolívia e entram no país pela fronteira com o Mato Grosso. Dali, a droga segue seu caminho até os outros estados brasileiros. Como Formosa é mais próxima

de Brasília, os traficantes recebem as mesmas remessas que outras cidades do Entorno do DF, como Águas Lindas, Planaltina de Goiás e Luziânia.

Os fornecedores dessas drogas em Formosa se concentram em áreas periférica próximas à Saída Sul da cidade. Além do bairro São Vicente, entram na conta do tráfico os bairros Parque Lago, São Benedito – apelidado de Vilona – Pantanal, entre outros. Não é apenas de viciados que se constrói uma periferia, no entanto. Entre a população marginalizada, existem famílias que tentam sobreviver driblando o perigo. A minha é uma delas.

Tiros, sirenes de ambulância e fogos de artifício anunciando a chegada das remessas. São os três tipos de sons mais comuns, geralmente subsequentes. Quem cresceu em locais assim aprendeu a distinguir os significados de cada um. Ficar em casa, quando soam, é a regra geral, mas depois da tempestade os curiosos sempre surgem para avaliar os estragos. Não é raro que cadáveres sejam recolhidos do chão, com a plateia lamentando o ocorrido. O menino que pesava a cocaína, por exemplo, morreu de olhos abertos, atingido pelas costas, deixando para trás de si um par de sandálias havaianas. Havia acabado de completar 18 anos.

As comunidades que vivem cercadas pelo tráfico se acostumaram a ele. As pessoas honestas convivem com os criminosos de forma pacífica. Ser vizinho de uma boca de fumo é mais do que viver sob o risco constante e uma movimentação interminável. É preciso ter jogo de cintura para não denunciar ninguém. Também existe o detalhe de que esses traficantes são conhecidos, quase amigos, às vezes fazem parte da família – enquanto pessoas pobres, que ganham um salário mínimo, tentam fazer valer o esforço do trabalho, seus filhos, netos e sobrinhos estão envolvidos no tráfico porque não querem seguir o mesmo caminho.

Poucos conseguem driblar essa realidade. A ascensão social é muito difícil e o tráfico extremamente tentador. Acostumada a uma infância sem muitos passeios e a um toque de recolher velado, cresci sem entender direito as mortes quase no meu quintal. Meus pais não queriam que eu tivesse muito

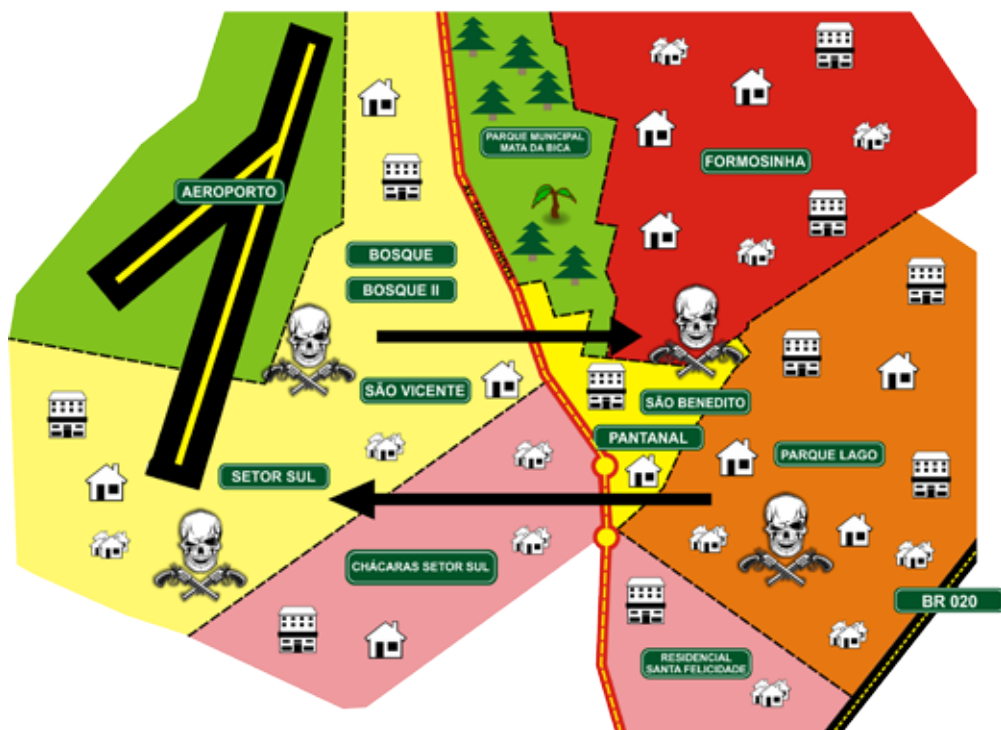
contato com o mundo do outro lado da janela. Mas eu tinha. E, ainda que tenha ido embora, precisei voltar para conferir que as coisas não mudam.

O processo de renovação dos traficantes é dinâmico. Morrem alguns e outros vão presos, mas sempre surgem substitutos à altura. Eles ficam à disposição nas esquinas, com camisetas largas e bonés de aba reta, montados em bicicletas pequenas. As feições difíceis de encarar tornaram fácil o reconhecimento. “Patricinha”, comentam com vozes nasaladas quando arrisco andar por lá. Desde criança, aprendi a ter medo. Mas como ensinou a minha mãe – a matrona do mercadinho – eles não nos fazem mal, contanto que não se envolva. Não somos inimigos porque moramos na casa ao lado.

Chegou a um ponto em que o assassinato, ali, não é mais tratado como novidade. Vizinhos de porta comentam as perdas como quem discute sobre a novela das nove. É sempre o filho da dona Maria ou o neto do seu Messias. Às vezes, a fatalidade engloba esposas e parentes – então o pesar é maior. Famílias que um dia duvidaram que aquilo acontecesse com eles são mutiladas dia sim, dia não. Vão-se os jovens criminosos e todos dizem que vão tarde. Nas memórias de quem tentou impedir, no entanto, fica a lembrança amarga e um silêncio incômodo, de coisas que deviam ser ditas, de alertas que acaso poderiam vingar.

É nos relatos dos familiares que se pode ter uma dimensão dos danos provocados por uma sociedade à mercê das drogas. A sensação de insegurança aos poucos vai dando espaço a uma descrença generalizada no futuro. Mães, tias, pais, avôs e avós acumulam velórios como se fosse certo enterrar adolescentes antes da hora. São relatos tão particulares, e ao mesmo tempo idênticos, que é espantoso notar como a tragédia se tornou aceitável. Perder é uma constante na vida dessas pessoas, trabalhadores humildes de baixa escolaridade, que permanecem vivendo no mesmo lugar por não ter aonde ir. São relatos comuns a outros lugares onde a violência impera. Não é contando os mortos que se pode ter uma noção dos reais estragos do tráfico. Em qualquer guerra, a dor é sempre de quem fica.

# Mapa da guerra entre traficantes em Formosa, Goiás



Arte: Moisés Brignoni e Fábio Dias



**as mães**



1





**O histórico familiar de um viciado em drogas é,** nas periferias de Formosa, muito similar. São jovens de baixa escolaridade, porque se envolveram ainda crianças e largaram a escola, ou porque não encontraram dentro dos colégios qualquer motivação para seguir outro destino. As famílias são fragmentadas – é muito comum que os pais abandonem as mães para viver com outras mulheres, que as mulheres abandonem os maridos devido a algum vício ou agressão física, ou que os homens sejam mortos pelo tráfico quando já deixaram mais de três filhos. Chefes da casa, as mães merecem um capítulo à parte.

Essas mulheres trazem relatos impressionantes sobre a dor de ter um filho marcado para a morte: porque esse é o destino dado como certo para os aviões – garotos que são usados como entregadores – e outros colaboradores do tráfico. As mães, que são em sua maioria empregadas domésticas, manicures ou exercem outros ofícios de baixa remuneração, saem para trabalhar de manhã e não conseguem acompanhar o que se passa em casa. São elas que

testemunham, nem sempre de olhos abertos, a própria queda dos filhos.

Por trás das vítimas que a guerra entre traficantes faz, sempre existe uma mãe. Uma mãe que vê, uma mãe que chora, uma que corre contra o tempo para evitar o inevitável, outra que foge por medo de ser alvo de vingança. Mais do que a dor, essas mulheres são permanentemente assombradas pelo fantasma da culpa que elas atribuem a si mesmas. Enquanto um filho é preso e outro alvejado, são elas que se perguntam onde foi que erraram. Muitas se recusam a admitir a verdade. Ou, quando admitem, tentam disfarçar, menosprezar o crime que seus meninos cometeram. “Usavam drogas, tudo bem, não foi por mal” – repetem. Dão toda a sorte de desculpas para justificar o erro de um ser que elas acreditavam perfeito.

Mais do que tudo, são assombradas pela vergonha. Em uma espécie de *reality show* cruel, os vizinhos adoram comentar as últimas novidades de quem caiu na rede do tráfico. Quando a desgraça recai sobre o teto da própria casa, só o desespero é maior do que a dor. Porque elas sabem que as notícias são verdadeiras, desconfiam do cheiro, dos gestos, de uma agressividade que não estava lá. E não podem impedir, porque precisam sair de casa cedo para trabalhar. Os usuários permanecem alheios aos sacrifícios da família e, quando são assassinados por dívidas, só são lembrados por elas. Porque um filho pode ser órfão, mas uma mãe sempre vai ser mãe.

18

### **Paz indesejável**

Quando o filho mais novo de Diva morreu – Jackson, um menino magricela que gostava de pesar cocaína em balanças de açougue – ninguém podia dizer que aquilo não era previsto. Mesmo assim, na noite de 20 de dezembro de 2009, nenhum dos vizinhos de Diva conseguiu dormir. Ainda me lembro do choro. Seu grito lamurioso, naquela voz potente e conhecida de uma fumante inveterada, era um lamento tão

forte e tão triste, que parecia perfurar as paredes. Não parecia ser choro de gente. É porque, naquele momento, abraçada ao cadáver alvejado do filho do meio da rua, Diva era qualquer coisa, menos mulher.

Ela ainda vive na mesma casinha que está presente nas minhas memórias de infância, no bairro São Vicente. Um barraco de paredes rosa, com uma charmosa cerquinha de madeira separando a rua do pequeno jardim de entrada. O casebre, no entanto, hoje reflete a desolação que invadiu a vida de Diva. As paredes perderam a cor, a cerca desmantelou-se – as tábuas de madeira agora sustentadas por arames – e o jardim virou uma imundície de terra batida e ervas daninhas. Na sala de televisão – o maior cômodo da casa, que cheira a urina e desolação – dois sofás parcialmente rasgados parecem largados no meio da ausência. “Eu sinto uma solidão”, Diva confessa, com os olhos marejados e a voz pausada. “Um vazio dentro de mim.”

“Mataram meu filho por engano, era para ser outro”, ela acusa com uma revolta angustiada. O assassino de Jackson era um bandido de outro bairro, contratado especialmente para a tarefa de baleiar o menino, uma missão cumprida às três horas da tarde. Jackson morreu de hemorragia interna e parada cardíaca, consequência dos três tiros nas costas. O autor dos disparos fugiu. A injustiça apontada por Diva, no entanto, nunca foi confirmada. Ninguém sabe o verdadeiro motivo pelo qual Jackson morreu. Mas todos assumem o que Diva jamais vai aceitar: ele não era inocente.

Diva se casou aos 14 anos. Aos 20, mãe de dois filhos, ficou viúva. Casou-se novamente e teve mais dois filhos. Abandonou o marido alcoólatra há 13 anos. Os meninos mais velhos saíram todos de casa. Jackson, o mais novo, era seu companheiro. Quando o garoto se envolveu com drogas, como usuário de maconha e revendedor de outras substâncias, fez o possível para evitar. “Rezava, pelejava, fiz até promessa, pedia tanto a Deus”, conta.

“Era um menino bom, todo mundo gostava dele”, Diva divaga, “nunca roubou, nunca matou”. Na visão dessa mãe, o envolvimento com as drogas

era um detalhe menor. Jackson nunca teve medo de morrer porque, segundo ele, não devia a ninguém. Desfilava pelos becos de paralelepípedos lascados com autoridade de rei. De fato, todos do bairro conheciam e gostavam do jeito despojado do adolescente. Mas, desde criança, Jackson era uma tragédia anunciada. Um menino crescendo sem pai e sem perspectivas de vida, na Vila, era um roteiro conhecido cujo final, infelizmente e apesar das tentativas dos familiares e vizinhos, cumpriu o protocolo.

Para sustentar os filhos, Diva trabalhou a vida inteira como boia-fria, como são chamados os trabalhadores que são levados para as plantações enquanto o dia ainda nem nasceu. Aos 62 anos, só conseguiu se aposentar no ano passado. Por menos de um salário mínimo, trabalhou arrancando brotos de feijão, capinando lotes e ceifando pés de milho. Acordava às 2h da manhã, preparava o café e a marmitta, e só voltava às 6h da tarde. O almoço dos filhos ela também deixava pronto. “Teve gente que me culpou da morte dele (Jackson)”, ela confessa cheia de horror. “Mas eu trabalhava para eles não roubarem, não matarem. Não podia ficar parada.”

Diva não precisa mais se justificar. Os verdadeiros assassinos de seu filho, segundo ela, são os traficantes que o empregaram como avião, rostos dolorosamente conhecidos e que ainda circulam pelas ruas. “Um dia eu falei na cara deles: se meu filho morrer, vocês são culpados”, Diva bufa. Ela confessa que, apesar da dor que ainda sente, às vezes agradece, secretamente, pela tranquilidade. Agora, não precisa mais se preocupar onde o filho está. É uma espécie de paz às avessas. “A gente fica mais descansada, né, porque não vê mais por aí, na perdição.”

### Antes que seja tarde

O sonho de Helena, 34 anos, é construir um muro ao redor de casa. O quintal exposto, a porta que dá para a rua, deixando entrever o ambiente

doméstico, inquietam a cuidadora de idosos. Ela se pergunta se foi essa liberdade involuntária que facilitou o acesso do filho do meio às drogas. Aos 14 anos, o menino viciado em crack está internado, pela oitava vez, em uma clínica de reabilitação pública em Brasília, no Lago Norte. O Sistema Único de Saúde (SUS) libera o tratamento de dependentes químicos em clínicas por até seis meses. O prazo, no entanto, costuma depender do psiquiatra responsável. Há quatro meses internado, o filho de Helena está para voltar. Com humildade, ela implorou aos médicos que deixassem o menino um pouco mais. Antes que ele volte, ela precisa construir um muro para protegê-lo dos desafetos.

O filho de Helena, cuja identidade ela prefere preservar, começou como avião do tráfico aos 11 anos. Como recompensa pelas entregas, ganhava alguns cigarros de maconha. Insatisfeito com o efeito limitado da erva, à procura de um “barato” mais forte, logo evoluiu para a cocaína e o crack. Quando soube do vício do garoto, Helena entrou na justiça para ter assegurado o direito de tratamento. Demorou um ano para conseguir. Formosa não possui unidades públicas de internação capacitadas e o tratamento só é liberado com aval de um psiquiatra. Internou o filho em clínicas de Goiânia e Brasília, sempre contra a vontade dele. No fim do ano passado, o adolescente se envolveu em encrencas e levou um tiro na perna. A possibilidade real da morte o assustou e o pedido por ajuda, dessa vez, partiu dele. “Ele estava tão dopado que nem sabia o que estava acontecendo direito, só pedia para mudar de vida”, a mãe relembra.

Helena sabe que o garoto corre risco de morte. Os traficantes nunca esquecem. O desespero é visível em seus traços negros. O rosto de Helena é como uma máscara de tristeza, de olhos caídos e boca crispada, uma feição de preocupação permanente. Sua luta pela recuperação do filho – enquanto ainda há tempo – é reconhecida e admirada pelos vizinhos, que ajudam como podem. Ela é uma mulher de poucas palavras e muita atitude. Não sabe como traduzir a aflição. “O sentimento que

eu sinto não gostaria que nenhuma mãe passasse”, tenta resumir.

De 15 em 15 dias, Helena vai até Brasília visitar o menino, que se diz recuperado, ansioso para voltar. Gostaria de ir mais vezes, mas a passagem – 26 reais, ida e volta – é muito cara para quem ganha apenas um salário mínimo. Moradora do bairro São Vicente desde criança, Helena conhece de perto a destruição ocasionada pelo mal que vitimou o filho. “Não é a primeira vez que isso acontece na minha vida”, diz, com frieza. “Meu irmão também está internado.”

Enquanto sai para trabalhar, Helena deixa em casa outros cinco filhos. Dois homens e três mulheres, todos com idade entre 14 e 16 anos. É pragmática e realista sobre as coisas que fogem ao seu controle. “Por enquanto, só tenho um filho viciado”, admite, “não sei ainda se os outros vão se envolver”. Questiono o que ela faz para evitar. Ela suspira de impotência. “Eu sento, tento conversar, mas a gente nunca sabe o que se passa na cabeça deles”, afirma.

O mais surpreendente é que, caso aconteça novamente, Helena não vai se surpreender.

22

### Herança da dor

Maria Madalena, 59 anos, tem duas datas gravadas na memória: 29 de setembro de 2003 e 3 de março de 2007. Todos os anos, esses são os dias em que ela acorda sobressaltada pela ausência. São dois dias que ela gostaria de apagar da memória. Dos sete filhos, Maria perdeu dois: Maurício e Mário. “Fizeram casinha para eles”, ela me explica, com a voz engrolada de um choro que, de tanto cair, secou. Casinha, no vocabulário das ruas, quer dizer armadilha. Com um intervalo de quatro anos entre um e outro, os dois irmãos foram mortos da mesma maneira: atraídos pela conversa de uma conhecida mulher – uma “isca” – até um local pré-

determinado, foram baleados na nuca pelos traficantes antes mesmo de perceberem que haviam sido enganados.

A vida inteira, a doméstica morou ali, bem diante da principal rua que liga a Vila ao resto do mundo. A casa, um barraco cheio de emendas e com um amplo quintal de terra, é um pardieiro. Entulhos dividem espaço com gatos, cachorros e galinhas. Na área de serviço, Maria cuida do filho doente: aos 27 anos, o rapaz esquelético tem paralisia cerebral desde que nasceu e passa os dias deitado em uma rede, quando não na cadeira de rodas doada pelo Governo. Pesando menos de 50 quilos, sofre de bronquite e asma. É acompanhado pelo olhar cheio de remelas da mãe – fruto de uma insistente conjuntivite – enquanto tosse violentamente. O sofrimento de Maria não tem medidas. “Minha vida é uma luta constante”, reflete, “agora parece que tudo desmontou de vez.”

Maurício e Mário, Maria se recorda, foram mortos porque sabiam demais. Ela gosta de acreditar que os filhos queriam se livrar do vício. No tráfico, principalmente quando alguém participa das vendas, não existe redenção. “Quando a pessoa tenta abandonar, eles tiram a vida dela”, Maria me explica. Mário aprendeu a fumar maconha com os vizinhos, mas Maurício começou a usar drogas no presídio, onde passou três anos, acusado de estuprar uma menina de três anos. “Foi tudo mentira”, Maria assegura, “fizeram corpo delito e tudo. Armaram para o meu filho. Ele vivia dizendo que queria morrer e ir para o inferno, mas não voltava para a cadeia.”

Apesar do tempo, a saudade permanece. “É a pior dor do mundo. É uma dor para sempre”, Maria sussurra. “As festas de Natal, Ano Novo, é a época pior”. Enquanto conversamos, uma menina de olhos grandes desossa uma costela de boi, encostada ao tanque de pedra. Percebo que as tiras finas de carne arrancadas com muito esforço serão o jantar. “Essa é a filha do Mário”, Maria me apresenta, como se a menina não estivesse ali. “Eu peguei para morar comigo, porque a mãe também é viciada.”

A menina Naiane é uma órfã do tráfico. Aos nove anos, nem se

recorda do rosto do pai, mas conhece a mãe, que não vê há um ano. Maria me conta que proibiu qualquer contato desde a última visita: liberada para passar as férias escolares na casa da mulher, que se dizia curada do vício em crack, Naiane foi abusada sexualmente pelo padrasto. “Quem descobriu foi o psicólogo”, Maria relata, entristecida, piscando o olho purulento. “Ela é uma menina que urina até hoje na cama. Tem dia que tem crise de choro, chora e me diz: eu não quero que a senhora morra, vovó, por que se a senhora morrer, quem vai cuidar de mim?”.

Quando eu peço para falar com ela, a menina Naiane se esconde dentro da casa. Ela perdeu a infância e a avó sabe disso. “Ela não vive a vida de uma criança porque eu não tenho condições de comprar tudo que ela precisa, material escolar, essas coisas”, lamenta. O medo de que a menina cumpra o mesmo destino dos pais aterroriza Maria. “Falo para ela crescer, estudar, não aceitar quando chamarem para ficar doidão.”

24

O efeito que seduziu seus meninos – que nunca admitiram ser usuários, embora ela soubesse – intriga Maria. Desesperada para entender, ela já chegou a abordar um viciado. Queria saber por quê. “Eu procurei um rapaz e perguntei qual era a sensação de usar a droga”, ela relembra, “ele me contou que vê tudo colorido, mais bonito, toda mulher que passa parece linda. É uma sensação de poder”. É tudo que não existe na Vila.

Maria não se arrepende de nada, nem um minuto. Os filhos perdidos são lembrados com carinho. “O que eu podia ter feito por eles, eu fiz”, afirma. É honesta, transparente e, sobretudo, conformada. A tristeza está lá, em cada palavra que diz, nada nela é alegria. Mas ela só chora quando a neta traz o colírio para o olho doente. Enquanto espero que aplique o remédio, uma das filhas chega e ela pede que eu disfarce. Não quer que a caçula saiba que está dando entrevista. Teme uma bronca por revelar, assim tão abertamente, os fantasmas que assombram a família. “Mas a vida é a real, é o que é”, ela me sussurra, pelas costas da filha, como quem partilha um grande segredo. “Não adianta tentar esconder os problemas.”





**um leão  
enjaulado**



**2**



**“É você a doninha que quer falar comigo?”** Depois de uma hora e meia de atraso, Gabriel – que prefere atender pela alcunha de Leão – chegou cheio de desconfiança. Eu me apresentei e sugeri que fôssemos para um lugar mais reservado. Ele preferiu ficar ali mesmo, na rua, seu território desde o nascimento, não tem nada a esconder do mundo e não gosta de se sentir acuado. Veio acompanhado de um amigo, um jovem franzino com bigode ralo e óculos escuros espelhados, que preferiu não participar da conversa. Confiante, apoiava-se na bicicleta de luxo, um modelo para atletas profissionais. No dedo anelar, um anel de ouro vistoso. São mimos adquiridos com o dinheiro que ganha trabalhando em uma marcenaria, ele adianta. Já de cara, Leão diz que não rouba e não maneja armas de fogo. É apenas usuário. Viciado, nunca.

“Quem é viciado não consegue controlar. Eu não uso toda hora, não sou viciado, tá me entendendo?”, ele dispara. Parece ansioso em provar seus argumentos. Os olhos congestionados e vermelhos me encaram sem piscar. Ele não pisca nunca e tem a voz mansa, suave.

Há um ano, esse menino de 17 anos era conhecido na comunidade do São Vicente pelo jeito meigo, sempre educado com as “tias”. Agora, olham para ele de um jeito diferente, lamentam o rumo tomado, evitam encará-lo. Leão virou um “mala”, como denunciavam o andar gingado, as roupas folgadas e as gírias. Embora não necessariamente seja a mesma coisa, para todos isso significa que ele já é um bandido.

Na escala do tráfico de drogas, o adolescente só consome maconha, o mais leve de todos os produtos disponíveis. Jura que nunca vai passar disso. “Quem é viciado em cocaína se afunda”, constata com sabedoria. Reclama da falta de pureza da erva, alega que usam muita “química” e que ela vem prensada. Explica que existem três maneiras de alimentar o vício: plantando, comprando ou “salvando”, que significa um empréstimo ou doação por amigos. Embora seja quase socialmente aceita pela classe média brasileira, nas periferias de Formosa a maconha é associada às notícias ruins e custa caro: em alguns casos, a vida.

28

Leão não tem medo de morrer. “Eu não devo ninguém, sempre compro à vista. Só morre matado quem deve, só morre matado quem mata”, ele me explica pacientemente. Relembra o caso do seu amigo Elias – um vacilão, ele lamenta, filho de um pintor do bairro que foi abatido a tiros no meio da rua há pouco menos de seis meses. Foram criados juntos e aprenderam a fumar juntos. “Só morreu porque delatou os cara”, ele justifica sem qualquer pesar. A relação entre traficantes e fornecedores deve ser a mais discreta possível, o erro de Elias foi ter falado demais. “Nada aqui é explícito. Explícito só a Globo.”

Apesar de não conhecer os autores, no entanto, todos sabem como chegar até eles. Eu pergunto onde é a boca mais próxima. Leão ri. Ele sabe que eu já sei: um mercadinho encravado na esquina, duas ruas acima. O dono já se rendeu. Não há o que se fazer, senão assistir impassível enquanto os contatos são feitos em cima da calçada. Como mecanismo de defesa, as pessoas da comunidade aprenderam

a não provocá-los ou criar qualquer tipo de resistência. O medo e a reprovação estão nos olhos. Mas o diálogo é quase carinhoso.

O bom tratamento é a chave para todas as relações hierárquicas da Vila, até mesmo para quem não tem nada a ver com o tráfico. “Se você dá respeito, respeitado você vai ser”, Leão resume. Em processo semelhante aos códigos da máfia italiana, os bons modos são altamente valorizados, assim como a obediência. Quem não tem nenhum dos dois – os abusados e agressivos – são marcados para a morte. Leão aprendeu onde pisa e, alertado pelos compa-nheiros mais velhos, já sabe como é o caminho até o traficante. “Tem que chegar no sapatinho, se chegar folgado é tiro na cara.”

Roubar a mulher do outro também não pode. Quem se atreve a tanto, é convidado para um duelo no qual prevalece a justiça das ruas. Os amantes são apelidados de pés de pano, devido à sutileza e aos passos macios de quem entra e sai sem que o chefe da casa perceba. Quando descobertos, são assassinados em nome da honra. Leão confessa que, às vezes, se sente acuado pela violência. “Ninguém começa influenciado por ninguém. Vai porque quer. Mas vou te dizer uma coisa: não é bom não. Eu só quero ter um dia após o outro.”

Para o rapaz de olhos vermelhos, quem não segue as regras está sujeito ao assustador “vale da escuridão”: uma morte rápida que pode chegar no meio da rua, em plena luz do dia, quase sempre pelas costas. A dica, nos casos em há provocação gratuita, é quase bíblica: “Se o cara te esparrar, você dá a outra face”. Ele inclina a cabeça para falar, temendo a aproximação das pessoas. “O crime não é o creme”, filosofa, “até pra ser criminoso tem que ter responsabilidade.”

Apesar do vasto conhecimento sobre os princípios que regem as relações sociais do bairro, quando o assunto é futuro, o orgulhoso Leão se sente nervoso. Com ansiedade, gesticula e entra na retaguarda, começa a se defender das acusações que eu não fiz. “Não mexo com arma, com porra nenhuma. Passo em tudo quanto

é quebrada, sou tranquilo com todo mundo, certinho”, discursa.

A reprovação da família o afeta de uma maneira diferente. Ele, tão eloquente a respeito de todo o resto, nega qualquer problema e evita falar sobre esse assunto – a mãe entrou em depressão ao saber de seu envolvimento com drogas, o único entre os filhos, ela se pergunta o que fez de errado, ela que se esforçou a vida inteira para que o garoto tivesse os melhores colégios particulares da região. Dá a entrevista por encerrada e monta na bicicleta. “Tem que ligar o foda-se, tem que viver liberdade, minha malandragem é viver”, finaliza, “gostei de você, me adiciona aê no Facebook depois.”



**vida breve**



**3**





**A situação da Vila não é um panorama isolado em Formosa.** As cenas que se desenrolam nas calçadas desniveladas se repetem nas ruas estreitas dos outros bairros onde a violência nunca cessa. O bairro São Vicente faz fronteira com o Parque Lago, o Bairro São Benedito, o Setor Sul e o Pantanal. São lugares distantes do centro, de becos estreitos ladeados por barracos de madeira e casas financiadas pela Caixa Econômica Federal. Os vizinhos honestos dividem espaço com a boca de fumo, sem muito a fazer senão suspirar de descontentamento. No Parque Lago, crianças esqueléticas de olhos fundos brincam sem camisa, visivelmente dopadas. É um retrato triste que encontra em outros instantâneos muita semelhança. Lembra que a história de todas as periferias é uma só.

Não é difícil encontrar um traficante. Eles não se escondem, embora também não gostem de exposição. São educados e gentis com os velhos conhecidos. Com os estrangeiros, por outro lado, a desconfiança impera. No Parque Lago – um dos mais perigosos, atualmente – pedi ajuda a um amigo da igreja evangélica local para encontrar algum que topasse

falar comigo. Meu amigo recomendou que eu levasse algumas carteiras de cigarro, de preferência da marca Hollywood – o agrado seria uma boa ferramenta de troca, caso fosse tratada com hostilidade. Logo meu guia achou um conhecido, cumprimentando-se como se disparassem pistolas imaginárias. Aprendi que o convívio entre criminosos e não criminosos é assim, totalmente desprovido de reservas. “Essa menina aqui tá fazendo um trabalho da faculdade”, meu amigo anunciou, “e está atrás de alguém, você sabe”. Para ilustrar, puxou de novo o gatilho invisível.

Ainda que desconfiado, o traficante de 19 anos desceu do carro para me atender com surpreendente solicitude. Galeguinho, como prefere ser chamado, é do Pantanal. Estávamos em uma rua fora de sua alçada e ele, pouco à vontade, a todo momento espiava por trás do ombro. Parecia me apressar com os olhos. Estava fora do seu território e sentia-se ameaçado. No mercado das drogas, a questão do respeito ao espaço do outro é muito importante. Quando traficantes de bairros diferentes ferem essa norma, o preço, como sempre, é a vida. “Quando chega um bicho de outra quebrada e não sai fora, começa a guerra, e na guerra os cara só quer matar”, resume Galego.

Galeguinho – um jovem mirrado, de braços tatuados e dentes apodrecidos, sem luxos aparentes – não usa as drogas que vende: maconha, cocaína e crack. “Já usei muito, mas não compensa não”, justifica. Tem a fala mansa e uma docilidade inesperada. Começou a se envolver com o tráfico ainda criança e parou de estudar na quinta série. “Fui vendo os moleques na rua, nas antigas, dinheiro fácil, tive como não”, resigna-se.

Seu maior exemplo de vida é o irmão mais velho, que também era traficante. “Era um dos mais fortes daqui”, recorda ele, com um misto de orgulho e nostalgia, “mas as *poliça* matou ele dentro da cadeia”. Ele, no entanto, não tem ambição de ser como o ídolo. Parece cansado e amedrontado. “Já fui preso várias vezes, mas só puxei cadeia por dois anos. Isso não dá roque não”, desabafa. Jura que vai mudar de vida em breve. Pergunto o

que ele pretende fazer. A resposta é tão vaga quanto significativa: “Ralar.”

Hoje, Galeguinho fatura cerca de quatro mil reais por semana, a depender do movimento. As vendas vão bem e não se estendem aos viciados pobres e marginalizados. Com a desenvoltura de um químico, ele me explica quais são os compostos que usam na cocaína impura – que, em vez de pasta base, é feita da pedra de crack. “O pó vidrado tem ácido bórico, xilocaína, cafeína e lidocaína”, enumera. “E éter, que é para tirar o cheiro da pedra.”

A brevidade da vida que leva não assusta Galego. A morte é uma aliada. “Morrer todo mundo um dia vai morrer”, simplifica. Ele desconversa, por outro lado, quando o assunto são as pessoas que já “apagou”. Prefere não falar sobre isso. Com jeito de criança, só apresenta perigo para uma parcela bem específica. “Se for inimigo meu e da minha família”, restringe, vagamente.

A comunidade convive tranquilamente com o tráfico, na medida do possível. “A população é de boa, sabe que se *caguetar* na cara dura morre”, Galeguinho conta. A inquietação aumenta com a chegada de pessoas estranhas e percebo que o meu interlocutor espia, de rabo de olho, o movimento na esquina. “Tenho que sair fora”, se desculpa. Eu agradeço e ofereço a carteira de cigarros. Ele não aceita. “Eu não fumo”, diz, com simplicidade e um sorriso de dentes esburacados.





# **educação abórtada**



**4**



**Com portões eletrônicos – uma tecnologia instalada recentemente – e muros pichados,** o Colégio Municipal Maria Angélica, localizado no bairro São Vicente, já foi palco de dias turbulentos. Há quatro anos, mal tocava o sino anunciando o fim das aulas e as professoras precisavam correr para apartar brigas dos alunos envolvidos com o tráfico. Agora, não. Uma das principais instituições de ensino público da região, que recebe alunos do São Vicente, do Setor Sul e até de bairros mais distantes, como o Parque Lago, o ambiente hoje é de tranquilidade. Não porque os estudantes violentos de antigamente se formaram. Longe disso. É porque estão mortos.

Com 550 alunos, a escola de ensino fundamental e médio sustenta o peso de tentar substituir uma organização familiar insípida. “Os pais largam os filhos aqui, acham que temos o papel de educar”, reclama a diretora Evanilde Fonseca, uma mulher autoritária e grande, que faz o possível com os recursos que tem. Evanilde não esconde que, entre as crianças e adultos cadastrados na secretaria, há usuários de drogas. A maior parte tem entre

13 e 14 anos. Mas a diretora também admite que alunos menores, de dez anos, já utilizam maconha ou cocaína, as drogas mais “acessíveis”.

O comportamento agressivo e isolado é um dos primeiros sinais do vício. As professoras também ficam sabendo pelos coleguinhas que comentam, aos risos, a verdade tão banalizada. Em alguns casos, a família procura a escola para avisar. “Tem mãe que vem aqui pedir ajuda, pedindo pelo amor de deus, porque o filho está usando”, conta a professora Maria Janete, que é formada em pedagogia, mas leciona ensino religioso e ciências. “Mas como que a gente vai ajudar?”, questiona. Para Maria Janete, os alunos se envolvem porque ganham dinheiro fácil, mais do que seus pais jamais arrecadarão, mesmo trabalhando o dia inteiro. Com mais de dez anos de profissão, a professora reconhece a lógica dos alunos. “Meus estudantes me falam: que nada, professora, a gente vai virar é traficante, legal mesmo é ser traficante”, conta ela, “eles não se preocupam em morrer. Falam que é só ficar de boa. Parece que correr o risco é uma aventura”.

40

A única iniciativa da escola é promover palestras de conscientização e orientar os professores para alertarem os alunos, mas sempre de forma abrangente, genérica. Nunca chamam para conversas particulares. É porque, mesmo que não sejam ameaçadas pelas crianças, as educadoras têm medo. “A gente tem um certo receio. Tem coisa que tem que ver e fazer vista grossa. Se a gente expor demais, nos colocamos em risco. Não é nossa função, não estamos trabalhando na segurança pública”, explica Maria Janete. O perigo também está relacionado com as outras crianças. “Eles têm os desafetos deles para lá, vai que resolvem trazê-los para a escola?”, complementa a diretora Evanilde.

A solução, para dialogar e impor alguma autoridade, é falar a mesma linguagem. As professoras estão acostumadas a traduzir um enorme repertório de gírias. “O jeito é ficar de boa, como eles dizem”, comenta Evanilde. Apesar do medo, elas se sentem blindadas e jamais são tratadas com desrespeito. Ao contrário. “Conosco, é quase uma forma de segurança”,



explica a diretora, “eles nos protegem. Podemos andar em qualquer lugar que eles não mexem, só dizem: essa aqui não pode, é a professora.”

Em 2011, a taxa de evasão no Colégio Maria Angélica foi de 16% no ensino médio e fundamental, cerca de 34 alunos. Não se tem registros dos anos seguintes – a secretaria tem problemas em diferenciar os estudantes evadidos daqueles que só fizeram matrícula, mas nunca apareceram na escola. A diretora assume que o abandono é comum, principalmente no turno noturno. “O fato é que se tratam de alunos que já são chefes de família, que trabalham, meninas que engravidaram. E também tem uma questão de cultura. Os pais não incentivam os filhos a estudarem”, ela explica. Evanilde perdeu a conta de quantos ex-alunos foram mortos ou se afastaram devido ao problema com o tráfico. Quando isso acontece, eles nunca dão satisfação. “Quando tem um probleminha com a justiça, simplesmente somem.”

Outro índice que assusta é a distorção entre idade e série: 60 a 80% dos estudantes estão atrasados em cerca de dois anos. “Isso acontece por causa da reprovação e também do abandono”, explica Evanilde. Os desafios de educar esbarram também na falta de motivação e na indisciplina. Grande parte dos alunos só vai mesmo pelo lanche que, no turno matutino e noturno, é uma refeição completa – arroz, feijão e carne, às vezes macarrão – do tipo que muitos sequer têm em casa.

A diretora não enfrenta os conflitos de antigamente, quando os estudantes iam para a escola armados e usavam drogas dentro dos portões. Agora, ela também conta com um instrumento de auxílio: a Patrulha Escolar, uma equipe da Polícia Militar especializada em deter alunos com postura intransigente ou criminal, criada há dois anos. Ao receber o chamado, a Patrulha – uma viatura, geralmente com dois policiais – recolhe os estudantes e os encaminha ao Centro Integrado de Operações de Segurança (Ciops). Após a detenção, os alunos só podem sair ladeados pelos pais. “Ano passado chamei a Patrulha algumas vezes. Tinha um aluno,

por exemplo, que estava trazendo cachaça para a aula”, justifica Evanilde.

Rigorosa com a disciplina, a diretora cobra uniforme, principalmente por causa das meninas. “Se deixar, elas chegam aqui peladas”, suspira. O comportamento das adolescentes também está relacionado às drogas. Assim como os meninos, elas se tornam usuárias muito cedo, quase sempre por influência dos namorados. O relacionamento amoroso com bandidos é uma forma de alcançar popularidade – elas chegam de carro, com som alto, e despertam inveja das colegas que vão para a escola a pé. “Para elas, o auge é namorar com traficante. No meio social em que estão inseridas, isso é ser da alta”, conta Evanilde.

A situação, de tão trágica, tornou-se cômica e diverte o ambiente abafado da coordenação. Com o *notebook* aberto, a diretora me mostra a página pessoal de um ex-aluno em uma rede social. “Esse aqui é namorado da Gabriela, do primeiro ano”, ela comenta para mim e as colegas. No perfil do adolescente – que abandonou aquela mesma escola há algum tempo – estão uma série de fotos em que ele exibe uma cicatriz nas costas, com a simplória legenda: “Tiro que eu levei”. A diretora ri. “Tem que rir, vou fazer o quê?”, lamenta diante do meu desconforto.



# **o perdãõ de deus**



**5**



“A paz do senhor, irmã.” No tradicional cumprimento dos evangélicos, é sempre Luquinhas quem se manifesta primeiro. Após um segundo de hesitação, as religiosas que passam pela rua retribuem a reverência. É que ele ainda causa medo, um receio quase imperceptível para quem desconhece seu histórico. Apesar da conversão – que já dura dois anos – poucos conseguem esquecer a fama que o rapaz baixo, negro e de olhos escuros sustentou por tanto tempo.

Aos 28 anos, Luquinhas é um ex-bandido. Até 2011, ele era o mais temido do bairro São Vicente. Famoso pelo temperamento ruim, quando era capaz de matar por um simples desentendimento e por ter passado perto da morte várias vezes: enquanto era traficante atiraram contra ele 70 vezes, embora nem todos os tiros tenham atingido o alvo, e levou duas facadas, uma delas no pescoço. Ele me mostra as cicatrizes – pústulas, rasgos e furos espalhados pelo corpo que relembram um passado que ele jura que deixou para trás.

“Eu estava com umas *guerraiadas*, levando tiro, dando tiro nos outros,

aí umas irmãs me chamaram para ir à igreja”, ele relembra os detalhes de sua conversão. Segundo Luquinhas, em duas semanas deixou de ser usuário de maconha e cocaína e abandonou um negócio que lhe rendia 40 mil reais por mês. “É um dinheiro amaldiçoado, gastei tudo na putaria e com advogado”, conta. O fato de estar jurado de morte também contribuiu. “Era a inveja, me viam comprando casa, carro, falavam que eu estava metido. E você sabe como é, malandro nenhum quer abaixar a cabeça para outro.”

Dos velhos tempos, Luquinhas conserva as gírias, uma corrente de prata e as tatuagens escurecidas que recobrem os braços e o torso. Ele começou no tráfico aos 12 anos, por influência dos amigos. Além de Formosa, já foi preso em cidades como Brasília, Flores de Goiás, Planaltina, Posse e Goiânia. Cumpriu, ao total, 13 anos de prisão, por tráfico, assalto e homicídio. Agora só anda com a Bíblia a tiracolo. Sem chegar a terminar o segundo grau, trabalha como pedreiro, pintor e qualquer outro serviço que apareça.

46 No Brasil, o número de evangélicos no Brasil cresceu 61,45% em dez anos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Saltou de 26,2 milhões, em 2000, para 42,3 milhões em 2010. Na Vila, essa estatística é visível. Igrejas evangélicas de todas as variedades se acumulam nas esquinas – em uma breve caminhada pelas ruas do bairro, é possível contar quatro delas. Pela proximidade com os fiéis e por fornecer amparo às famílias pobres no bairro, é essa a única instituição que se comprovou eficaz na conversão dos jovens envolvidos com o tráfico.

Luquinhas e sua santidade despertam a desconfiança dos não-fiéis, que o criticam aos moldes da famosa canção de Renato Russo, *Faroeste Caboclo*: “E dizia que era crente, mas não sabia rezar”. O rapaz, no entanto, se mostra arrependido pelas coisas que fez. “Quando eu lembro me dá um frio na barriga, uma dor no coração, pensar que eu fazia isso. Mas era o demônio, o demônio fecha os olhos e os ouvidos da gente”, divaga, “eu nem tinha medo de morrer. Era minha natureza. Mas Deus tocou em mim e agora sou cidadão.”

Ele é notório justamente pela facilidade com que costumava fazer inimigos. Na última vez em que saiu da cadeia pública de Formosa, há dois anos, mal conseguiu andar duas ruas antes de ser abordado por um desafeto que disparou contra ele mais de dez tiros. “Na hora, nem pensei, só estiquei”, ele conta, lembrando a corrida desabalada pela vida. O motivo era vingança, por um dos indivíduos que Luquinhas “apagou”. Ele carrega nas costas o peso de homicídios violentos – a facadas, tiros e, em um caso, a pedradas. “Só matei seis pessoas só”, contabiliza.

Apesar da conversão, Luquinhas tem medo dos inimigos que restaram. Com alguns responsáveis pelos disparos que recebeu, já “apaziguou”. Com outros, nunca se sabe. Durante a entrevista, que era realizada no meio da rua, um carro branco freiou repentinamente diante de nós. Percebo que meu interlocutor ficou tenso, assim como eu. O motorista, no entanto, era apenas um desconhecido e estava embriagado. Respiramos aliviados. Por um momento, experimentei a sensação de viver na pele daquele homem que está diante de mim: permanentemente com medo de que o passado volte para acertar as contas. “A gente sempre tem uma cisma, né?”, ele admite. “Mas Deus é mais.”







# **uma guerra perdida**



**6**



**Diante do prédio baixo, a sensação é de abandono.** Em horário de expediente, o estacionamento não tem carros e a recepção está vazia. O silêncio é tão grande que dá para ouvir o vento formando redemoinhos na poeira de uma estrada que não conhece asfalto. É um lugar desprivilegiado e longe do centro da cidade, um cenário que, de vantajoso, só tem a vista: um céu azul recortado por árvores nativas do cerrado. A placa desbotada fincada no meio do capim árido anuncia, sem cerimônia, a 11ª Delegacia da Polícia Civil, sede do Grupo Especial de Repressão a Narcóticos (Genarc). O delegado responsável vem me receber pessoalmente.

Vytautas Zumas é um descendente de lituanos agradável, de voz mansa e maneiras educadas. O isolamento não o preocupa. O vazio, sim. Há três anos no comando, o delegado tem a difícil missão de investigar e encontrar culpados para um conflito antigo com o mínimo de recursos humanos. A atribuição principal do Genarc é combater o tráfico. Vytautas, no entanto, tem feito muitas horas extras. “Em razão da falta de efetivo, estamos investigando também homicídios”, ele lembra. Na parede, uma

fotografia emoldurada relembra dias melhores: um grupo “farto” de nove policiais, que atuavam na delegacia em 2010, posando para a câmera com o uniforme de combate preto. Hoje, são apenas quatro – dois agentes e dois escrivãos. Os outros pediram transferências para lugares mais perto de seus lares. Vytautas, a despeito da sonoridade estrangeira do nome, é paranaense e conhece como ninguém a geografia do crime em Formosa.

A missão de cuidar dos homicídios veio por ocasião de uma estatística assustadora – no ano passado, o índice de assassinatos foi de 65, um número que o delegado considera alto para uma população de 96 mil habitantes. Desde março de 2013, já foram 15. Com as investigações em andamento, Vytautas já descobriu que quase todas as mortes, excetuando-se um ou outro caso de crime passional, estão ligadas ao tráfico. “Há uma guerra sendo travada em Formosa”, ele me explica. Um combate que eu conheço de perto.

52

A guerra, da qual só se ouve falar em veículos de imprensa do DF como o Correio Braziliense a partir da morte de uma ou outra vítima, já se estende há pelo menos dois anos. É um conflito armado entre traficantes por questões territoriais. Líderes do tráfico em cada bairro guerreiam contra outros líderes em disputa por espaço. Em busca de mais poderio, os chefes de regiões vizinhas se unem, formando grupos de coalizão. Vytautas destaca os três principais núcleos dessa batalha: bairros menores, como o Setor Nordeste, Dom Bosco e Nova Formosa, contra a força do Pantanal, Parque Lago e São Benedito, que por sua vez fazem inimigos mortais no Setor Sul, Formosinha e São Vicente.

A luta entre traficantes não é novidade. Entre as cidades do Entorno do Distrito Federal, Formosa é considerada até uma região “tranquila”, um ótimo local para se viver. O problema é que, na cidade goiana, a guerra não acaba nunca. Quando um líder morre ou é preso, sempre surge outro para ocupar seu lugar. Foi exatamente o que aconteceu na coalizão do grupo do Pantanal. O antigo chefe desse setor, o Zequinha, foi preso no ano passado. Diante do cargo

“vago”, um outro traficante assumiu – ou roubou, como alegam seus inimigos – um homem que ninguém vê, mas ouve falar: o Jacaré.

A fama de Jacaré chega primeiro que o homem. A maior parte do que se sabe sobre ele remonta a boatos que tornam a aparência do traficante quase lendária. Dizem que ele tem um exército inteiro à sua disposição, que só anda com colete à prova de balas, que é bonito e se veste como qualquer outro trabalhador assalariado. Que ele só anda com motoristas e é rico. Sua habilidade em se camuflar é tão grande que ninguém consegue identificá-lo, ou pelo menos separar a verdade do mito. Inspira inveja. Contra ele e seus parceiros na coalizão do Pantanal, os chefes dos demais bairros declararam guerra. O preço é a cabeça do Jacaré. Um homem que sabe desaparecer.

“Para pegar esse cara, preciso de gente para ficar na cola dele”, Vytautas comenta. Gente é o que o delegado não tem. Além disso, não é fácil perseguir o traficante em uma comunidade pequena. “Todo mundo conhece a polícia e ele tem informantes em todos os lugares”, justifica. Enquanto Jacaré foge da justiça das ruas, Vytautas precisa se preocupar com as vítimas que são feitas nessa guerra inspirada por ele. Os traficantes se matam, sim. Mas levam consigo quem não tem nada a ver com a briga. “Cada morte tem uma retaliação. O problema é que eles travam batalhas no meio da rua, onde pessoas inocentes estão passando”, o delegado conta.

Além da briga contra o traficante de outro bairro, a morte também pode ser inspirada por vingança a uma ofensa, ou uma ameaça feita a algum membro da família. A verdade, conforme admite o delegado, é que o mote inicial é quase esquecido e a batalha continua, nem sempre por motivos claros. “Chegou a um ponto em que nem eles sabem porquê estão guerreando”, suspira ele.

O armamento usado no combate envolve revólveres calibre 38, pistolas 380 e até mesmo armas de uso restrito, como o revólver calibre 357 e a pistola .40, que é de uso exclusivo das forças policiais.

Os traficantes não encontram dificuldades para ter acesso a esse tipo de material bélico. “É muito fácil adquirir armamento no Paraguai. No caso das pistolas exclusivas, provalmente são decorrentes de furtos à casa de algum policial ou ao batalhão”, Vytautas justifica.

Devido à escassez de profissionais, o número de apreensões diminuiu. Desde que foi criado, em 2010, o Genarc apreendeu 43 quilos de maconha, 12 quilos cocaína, 15 quilos de pasta base de cocaína (composto insolúvel em água e solúvel em solventes orgânicos do qual se extrai o pó), 30 comprimidos de LSD e 177 latas de merla, essa última um subproduto da cocaína feito a partir da folha de coca e de componentes químicos como ácido sulfúrico e querosene. Não são números expressivos. Desde março, quando a equipe foi deslocada para investigar homicídios, essa apreensão caiu ainda mais. Pressionado, Vytautas prefere não dizer o quanto. Ele informa apenas que ocorreu uma diminuição de cerca de 80%.

54 Outro dado preocupante é a superlotação das duas unidades carcerárias do município, uma provisória e outra definitiva. Com capacidade para 116 presos, as duas cadeias abrigam 217, segundo dados da Superintendência de Serviços Penitenciários (Susepe). “É uma cadeia em estado precário, que não oferece tanta segurança”, admite o delegado. Desde o começo de 2013, pelo menos cinco presos fugiram da instituição.

A equipe de Vytautas não consegue cuidar de tudo ao mesmo tempo e sonha com a chegada de novos integrantes, que deve acontecer em janeiro de 2014, quando serão empossados os aprovados no concurso público que está em andamento. Além disso, a polícia esbarra em um fator crucial para o insucesso: a desconfiança de uma população que, oprimida, não é capaz de delatar seus próprios vizinhos.

“No meio desses bairros tem famílias de bem, pessoas trabalhadoras que só estão ali porque a condição financeira não permite ir para um lugar melhor. E, por medo, essas pessoas não falam nada”, o delegado afirma. Ter acesso a informações facilitaria o processo, mas quem sabe de todas

as coisas, porque mora ao lado, não confia nos agentes. “O trabalho que também estamos fazendo é de conscientização, de tentar fazer a pessoa pedir a proteção da polícia, e não a do traficante, que é uma proteção indireta.”

A dificuldade em prender os chefes do tráfico é, sobretudo, uma dificuldade em reconhecê-los. Um longo trabalho de investigação é feito antes que a polícia possa agir e desmontar a boca de fumo. Sem evidências concretas, os agentes – que não têm tempo para produzir flagrantes nas ruas – estão de mãos atadas. “Demoramos meses para identificar os traficantes”, Vytautas lamenta, “só vamos ao lugar quando o bote é certo. A prisão é só o desfecho.”

Vytautas é pessimista. “Acabar com o tráfico de drogas é muito difícil. A todo momento surgem novos traficantes”, suspira, “não é só um problema de polícia, é um problema social, de falta de educação, estrutura familiar e saneamento básico”. Sem perspectivas de empregos melhores, o envolvimento dos jovens é, na visão do delegado, uma pré-disposição anunciada no berço. É uma forma atraente de ganhar dinheiro fácil. “O mercado das drogas é um negócio lucrativo. É uma empresa que não demanda muitos funcionários e o traficante nunca tem que trabalhar, porque o cliente vem até ele.”

Quando se despede de mim, Vytautas tem o olhar melancólico e cansado. Sabe que seu trabalho não acabará tão cedo. “A verdade é que essa guerra a gente não vai ganhar nunca”, confessa.







**terra de  
ninguém**



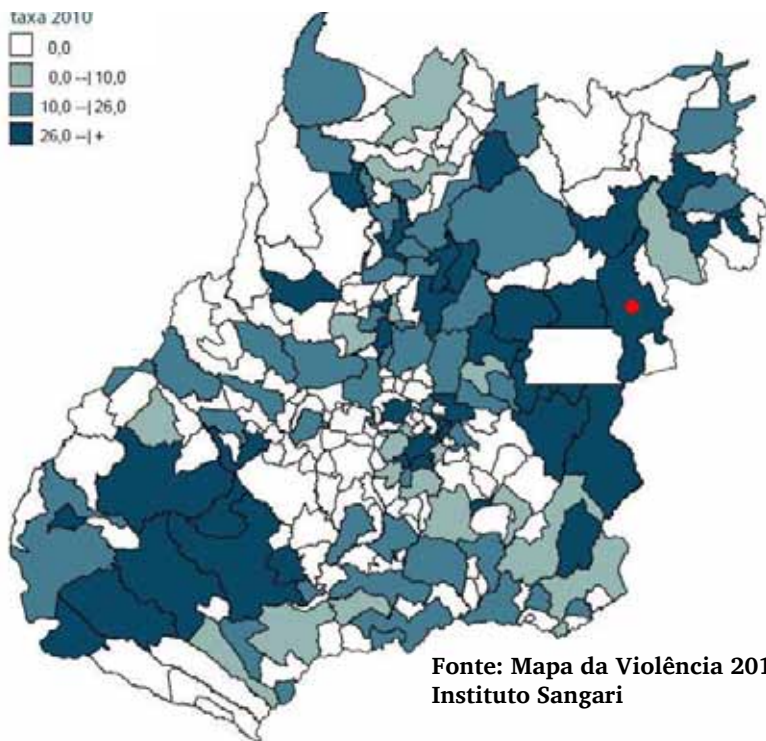
**7**



**A violência no Entorno do Distrito Federal** é, além de uma avalanche que tem tomado grandes proporções, um fato recente que preocupa estudiosos da área. Segundo o estudo Mapa da Violência 2012, divulgado pelo Instituto Sangari – instituição criada em 2003 que promove a difusão científico-cultural – o número de homicídios no Entorno cresceu 39,3% em dez anos. Saltou de 1.042, em 2000, para 1.451 em 2010. A estatística protagonizada pelas cidades goianas é indicada pelo estudo como um dos fatores responsável pelo crescimento absurdo da taxa total de assassinatos do estado de Goiás: em 1998, o quantitativo era de 13,4 homicídios por cada cem mil habitantes. Em 2010, esse número subiu para 29,4, um aumento de 119,4%.

No mapa do Estado de Goiás abaixo, retirado do documento, é possível perceber claramente como a violência se concentra no sudeste goiano e ao redor do Distrito Federal. O mapa, elaborado conforme estatísticas de 2010, separa os municípios conforme a taxa de homicídios a cada cem mil habitantes. Nota-se que Formosa (*sinalizada com um círculo vermelho*) está entre as cidades do Entorno mais violentas, cuja taxa supera 26 assassinatos.

## Mapa da taxa de assassinatos no Entorno do DF em 2010



Fonte: Mapa da Violência 2012, Instituto Sangari

60

O mercado de entorpecentes é, em alguns casos indiretamente, uma das principais razões para o aumento da violência. Em 2012, o Genarc do Entorno fez a maior apreensão de drogas da história de Goiás: 4,1 toneladas de maconha, 600 quilos de cocaína, três mil comprimidos de ecstasy e 210 tubos de lança perfumes, além de outras substâncias. Até maio de 2013, só nas cidades do Entorno Sul foram apreendidos 81,903 kg de maconha, 1.605 de cocaína e 4.218 de crack. O Genarc responsável por essa região não é o mesmo que cuida de cidades como Planaltina

de Goiás e Formosa. No sul, o Genarc é responsável pelas cidades de Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Luziânia (Distrito do Jardim do Ingá), Novo Gama, Padre Bernardo, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.

O Governo de Goiás, por meio da Secretaria da Segurança Pública e Justiça (SSPJ), criou, em 2012, o Gabinete de Gestão em Segurança do Entorno do Distrito Federal. O Gabinete visa desenvolver estratégias e ações para conter a criminalidade. A SSPJ também recebeu 37 milhões de reais para investir no Entorno. “Os recursos serão revertidos em treinamento de pessoal e aquisição de equipamento, com foco principalmente na investigação e serviço de inteligência”, comenta o secretário de Segurança Pública do Estado de Goiás, Joaquim Mesquita.

O secretário realizou uma visita a Formosa recentemente, na qual recebeu reivindicações da população, principalmente a respeito do presídio. Mesquita comenta que a Agência Goiana de Transporte e Obras (Agetop) havia contratado uma empresa para construir um novo, mas a instituição desistiu e foi necessário iniciar uma nova licitação, que está em fase final. Segundo ele, serão 300 vagas ao custo de dez milhões de reais. A falta de policiais também é admitida. “Este é o maior problema que a Segurança Pública de Goiás enfrenta. Mas a situação irá melhorar no segundo semestre, pois temos em andamento dois concursos públicos, para Polícia Civil e Militar, e o Serviço Militar Voluntário. No total, serão incluídos mais de três mil homens na segurança e boa parte desse efetivo será destinado para o Entorno do DF”, promete ele.

Para Mesquita, a SSPJ não consegue lidar sozinha com o problema das drogas. Não existe sequer um levantamento pronto sobre apreensões nos últimos anos. O secretário se esquivava quando o assunto é a inépcia do estado quanto a questões como a guerra entre traficantes. “Vale ressaltar que o problema do tráfico de drogas assola todo o Brasil, inclusive as cidades de menor população. E este é um problema

que não cabe somente à Segurança Pública, mas também a todos os níveis do Estado, como educação, saúde e da sociedade”, conclui.

Segundo o sociólogo da Universidade de Brasília e especialista em segurança pública Antonio Testa, uma das razões pela qual o tráfico de drogas se alastra pelas cidades do Entorno está relacionada à falta de identidade política das cidades, que não sabem se estão regidas pelo estado de Goiás ou do Distrito Federal. Muitas, em período de eleições distritais, chegam a receber a visita de candidatos do DF e transferem o título para poder votar no sujeito que, depois de eleito, sequer pisa os pés no local novamente.

“Há um grande desgoverno no Entorno, apesar da atribuição constitucional de cada governador, muitos alegam que o GDF devia tomar a frente por receber mais recursos do Governo Federal. É muito difícil uma união dos estados”, argumenta o especialista. “Essas regiões estão muito vulneráveis porque o governo é muito precário, a secretaria de segurança pública é fraca e não há policiais suficientes.”

62

Em razão dessa lacuna política existente nas cidades do Entorno, o traficante se torna, para a comunidade, o real governador. “O traficante tem poder político. Sob muitos aspectos, a presença dele é a presença do estado. É ele que traz a paz. Uma paz baseada no terror, porque a comunidade vive com medo”, opina o sociólogo.

Conforme lembra Testa, o fato de que muitos locais do Entorno são dependentes economicamente, exercendo o papel de “cidades-dormitórios” em relação à Brasília – os trabalhadores exercem seu ofício na capital, mas voltam para casa, o lar que podem custear, no turno noturno – também contribui para o aliciamento de jovens e crianças pelo tráfico. “A raiz do problema é a desagregação familiar. Os pais saem das cidades do Entorno para trabalhar e, enquanto isso, os meninos ficam abandonados porque não têm, escolas, creches e acabam se envolvendo com drogas.”

Uma possível solução para acabar com o tráfico seria, na visão do especialista, uma maior punição aos consumidores. “Não podemos

esquecer que o tráfico só existe porque existem clientes”, ele ressalta, “se quiser diminuir o consumo, tem que penalizar o consumidor da mesma maneira que o traficante”. Antonio Testa, no entanto, admite: faltariam cadeias se isso fosse seguido à risca. Uma alternativa seria propor penas alternativas, como o trabalho socioeducativo. O que não pode, segundo o sociólogo, é tratar o consumo como normal.







**entre  
família**



**8**



**Visto de longe, ele tem cara de bandido.** Jeito de bandido. Fala como um, veste-se como um. Antes rechonchudo e pequeno, em um espaço de três anos cresceu muito e perdeu peso, tornando-se uma figura magra e encurvada pela altura – os quilos perdidos, que todos atribuíram à puberdade, na verdade foram consequência de uma paixão não correspondida. Tem o rosto escuro, sombreado por crateras de espinhas mortas. Seu vocabulário se restringe a toda uma sorte de gírias da rua onde cresceu. Todos os amigos estão de alguma forma envolvidos com o tráfico. No pescoço, ele ostenta o tesouro mais recente: uma grossa corrente de prata. Esse menino de 17 anos é meu primo. Aceita falar comigo baixinho, com a promessa de que eu não conte nada para ninguém, nem deixe os familiares lerem essa reportagem. Quando começa a responder minhas perguntas, percebo que eu nunca o conheci.

Caio é um dos funcionários do pequeno mercado de minha mãe. Acreditando que só o trabalho edifica, em um bairro onde a educação não parece adiantar, minha mãe contratou-o como repositor de

prateleiras, na tentativa de evitar que ele se envolvesse com drogas. Terceiro filho de minha tia, que trabalha como merendeira em uma escola municipal e recentemente teve o quarto bebê, Caio trabalha o dia inteiro e, à noite, estuda. Ou pelo menos vai ao colégio.

Ninguém sabe, mas Caio usa cocaína. Começou por influência dos amigos com quem foi criado – os mesmos que, aos 15 anos, já portavam armas de fogo e eram aviões. “Nóis cheira de vez em quando, nos frevos, mas é só de curtição”, ele me explica. Pela primeira vez, descubro que quase todos os meus primos também já foram usuários algum dia. “A maioria da população tudo cheira”, afirma, rindo da minha ingenuidade. Por dez reais a grama, Caio compra cocaína direto dos amigos. Só se preocupa com o dinheiro que gasta nessa brincadeira – para fazer efeito, precisa comprar ao menos cinco gramas. E tem que ser da cocaína de qualidade, a mais cara, apelidada no mercado de “escama”. Em uma versão mais barata do pó, os traficantes acrescentam polvilho, vidro moído e até solução eletrolítica de baterias, para render e pesar mais. Caio não gosta de maconha. Já o crack, nem pensar. “A pedra é o que derruba.”

68

Meu primo não se considera um usuário. “É só um passatempo, impulso, distração, coisa de menino novo”, diz, “a gente faz isso só por conta da curtição mesmo. Galera oferece tanto, então a gente fala: me dá essa porra que eu vou usar”. A sensação, descreve, só vem após a terceira carreira aspirada, por isso a necessidade de consumir mais do que uma grama. Pergunto que barato é esse. “É como se estivesse na nuvem, você viaja, pode beber um litro de uísque que não fica bêbado”, conta. Ele não tem medo do vício. “A gente fica com vontade, mas sabe controlar. Só vicia quem é cabeça fraca.”

O motivo pelo qual ninguém nunca desconfiou que Caio estivesse usando drogas, a despeito das companhias, é justamente sua procedência. “Boa família e tudo, quem vai falar que a gente faz isso?”, ele questiona. Apesar dos problemas dentro de casa, Caio sabe que tem alguém no

mundo: o pai, que trabalha como motorista de ônibus em Brasília, tem outra mulher, mas a mãe nunca o abandonou por isso. Minha tia sempre gostou de repetir que, pelo menos, seus filhos tinham um pai. E essa é a principal diferença entre Caio e os seus colegas fornecedores. “Eles são tudo pobre, a maioria só tem mãe, não tem pai, não tem exemplo”, desdenha.

Caio se vê acima dos amigos aviões, que ele sabe que acabarão mortos. “Eles não têm nada a perder, só sabem jogar bola, não estão nem aí para nada, são uns perdidos”, avalia. Em partes, a teoria de minha mãe deu certo: a coisa mais importante do mundo para o adolescente é o emprego. O trabalho é o que o dignifica e dá alguma razão a sua vida. “Sou trabalhador, tenho uma meta, que é conseguir casa, arrumar uma mulher boa e ter filho”, repete.

Com um salário de 970 reais mensais, Caio se sente independente, quase um milionário. O baixo custo de vida em Formosa torna a quantia atraente. Com o dinheiro, ele compra artigos considerados de luxo – como a joia de prata que carrega ao pescoço, óculos de sol de grife, aparelho de som e videogame. Por insistência dos tios, também participa de consórcios com amigos, pagando mensalidades que se convertem em uma espécie de poupança. Também ajuda a mãe dentro de casa. A escola, onde cursa o segundo ano do ensino médio, não representa grande coisa. Assim como seus colegas, só vai pela “curtição”. “É mais coretação, a gente vai para ficar barulhando e para lanchar”, resume.

Caio, mesmo, não coloca a educação em primeiro plano. Na verdade, não a coloca em plano algum. “Esses dias eu tava com as ideia de ser engenheiro, fazer, como é que chama, engenharia civil?”, comenta. Desistiu. “Tenho preguiça. Tem gente que nasce para estudar, eu não nasci”, simplifica. Pergunto qual é o salário que ele pensa em ganhar daqui a alguns anos. “Penso em ganhar uma bocada”, responde. Digo que ele só conseguirá isso se estudar. “Aí que tá né?”, concorda, “mas como é que eu vou parar de trabalhar para

estudar? Só gente rica que tem oportunidade. Para mim já deu, já era”.

O palco de suas aventuras com a cocaína são as festas, que ele frequenta pelo menos duas vezes por mês. É nos banheiros que ele e os amigos se escondem para cheirar. Nas cabines individuais, quase sempre encontram outros usuários. Com o nariz sujo e escorrendo, Caio já foi abordado mais de uma vez. “É normal demais chegar um cara pedindo um pouco para a gente”, ele descreve. Em casos assim, é generoso.

A cocaína também tem uma outra função: a de conquista amorosa. “A maioria das mulheres também usam. A gente compra para elas, elas ficam doidonas, é só para incrementar”, explica. O sexo, após esse pequeno “galanteio”, é quase garantido. “É tudo mulher vagabunda”, Caio despreza. Ele está frustrado. A vizinha com quem planejava namorar, uma mocinha bonita e religiosa, foi proibida de vê-lo. “O pai dela acha que eu sou bandido”, resigna-se.

70 Revistado pela polícia algumas vezes, Caio nunca foi apreendido com o pó. Esconde os saquinhos debaixo da meia, em batidas policiais. Por ser menor de idade, ele sabe que nada lhe acontecerá. Mas o perigo não reside na prisão. Não é isso que preocupa o menino. É que, caso seja preso, a família vai descobrir o disfarce que ele sustentou com tanto esmero. A vergonha de ser o único a revelar que mexe com drogas o assombra. “É isso que é o medo.”

# conclusão

“Se eu tivesse muito dinheiro, eu ia construir uma escola. Colocaria as crianças para ficar lá o dia inteiro, daria uniforme, comida e uma bolsa. Quem sabe assim elas não ficariam largadas na rua, mexendo com drogas.” Esse é o sonho da minha mãe. Como ela não tem dinheiro para construir uma escola, tenta ajudar como pode – oferecendo empregos no mercado do qual é dona. Funcionou com os antigos funcionários. Mas, infelizmente, não há emprego para todos.

Muito além de todos os indicadores apresentados e reforçados ao longo da narrativa deste livro reportagem, existe um único denominador comum que gera e alimenta o tráfico de drogas: a pobreza. E pobreza não é somente falta de dinheiro. A pobreza é um acúmulo de ausências. Falta tudo: estrutura familiar, física, financeira, emocional. Educação. Saúde. Lazer. Falta, também, esperança.

71

Porque não há como acreditar em uma mudança quando o que é feito por essas pessoas é tão pouco. No meio do caos elas nascem e morrem. A juventude não consegue enxergar um novo horizonte porque, até onde os olhos alcançam, não há alternativas. Os jovens são a isca perfeita. É muito fácil e cômodo escolher as drogas porque, a despeito do futuro que sabem que vão ter, essa é a única oferta que vem fácil.

Só foge desse desequilibrado destino quem tem alguém em quem se amparar. A instituição mais importante, no caso desses bairros, é a família. E, ainda assim, nem os núcleos mais firmes estão isentos do risco. O problema não é só ter alguém. É ter alguém em quem se inspirar.

O fim dessa guerra depende não apenas de políticas públicas eficazes, mas também de consciência. Dos filhos, das mães que fingem desconhecer o óbvio, das pessoas que fazem parte das comunidades, honestas ou não. É

que a morte que assombra as periferias não deve ser tratada apenas como um infortúnio previsto. E não adianta fechar os olhos para o problema. Os vizinhos da guerra precisam aprender a manter a paz.



